

“Eu escrevo para quem sabe”:

Oswaldo Sá e suas estratégias de reconhecimento literário.

ANA PAULA REBOUÇAS LESSA¹

Introdução

Em 03 de junho de 2002, 16 horas e 45 minutos, faleceu aos 93 anos, de causas naturais, o memorialista maragojipano Oswaldo dos Santos Sá. No dia em que completaria 94 anos, a 28 de julho desse mesmo ano, foi criada a *Fundação Oswaldo Sá: Um desaguar de saber* por iniciativa de seu filho caçula, Alberto Sá e de pessoas interessadas em resguardar a memória do escritor e da própria cidade, em sua maioria professores e alguns dirigentes ligados à Secretaria de Educação e Cultura do município. Foi disponibilizado ao público em geral todo o acervo particular de Oswaldo Sá, incluindo suas obras. Era a oportunidade de conhecer um pouco mais da intimidade e das peculiaridades do universo intelectual do memorialista que narrou Maragojipe em verso e prosa.

Após a realização de um mapeamento nos bancos de teses e dissertações das principais universidades baianas, constatamos que o autor nunca fora estudado. Desse modo, o presente texto ocupa-se da apresentação e análise desse memorialista e de sua prática intelectual. Oswaldo Sá escreveu prosa, poesia, contos, fábulas, haicais, crônicas literárias e históricas, além de memórias. Seu principal tema: a história de Maragojipe. Durante a vida longa divulgou suas ideias e ideais apresentando-os inicialmente nos jornais e depois nos seus mais de 20 livros publicados, além dos títulos que permanecem no prelo.

Oswaldo Sá costumava dizer em entrevistas que escrevia para quem sabia. Remeteu seus livros para os mais variados intelectuais através dos correios. Foi assim que construiu seu público. Um público seletivo. Junto aos livros estavam pedidos de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. UNEB- Campus V- Santo Antonio de Jesus- BA. Bolsista CAPES.

dedicatória, de apreciações, sempre acompanhadas de solicitações de permissão para que essas missivas fossem, com os devidos cuidados, publicadas nas contracapas de suas obras.

Dos seus mais de 20 livros, nenhum fugiu a essa regra. Da mesma forma, estava o pedido de auxílio de custos para viabilizar tais publicações. O patrocínio geralmente era concedido a pedido de Osvaldo Sá, vinha desde o governo local até seus amigos e admiradores, geralmente médicos, comerciantes, advogados, jornalistas e alguns professores.

O jogo das trocas epistolares

Osvaldo Sá aliou à sua carreira jornalística a atuação enquanto escritor. Além dos jornais, o envio de livros acompanhados de cartas aos intelectuais conhecidos funcionava como artifício para agregar leitores para suas obras.

O público que almejava era selecionado. No intuito de valorizar a si e os seus escritos, passou a enviar, à semelhança de um ritual, seus livros a renomados escritores, historiadores, jornalistas e políticos. Suas obras eram remetidas para nomes como Jorge Amado, Américo Jacobina Lacombe, Altamirando Requião, Hélio Simões, Pedro Calmon, Hildegardes Viana, Luis Viana Filho, Calazans Neto, Antonio Houaiss, Jorge Calmon, entre outros intelectuais.

Conforme os relatos de Alberto Sá, seu pai quase diariamente ia à agência dos correios. Era através dos Correios, que com atraso, lhes chegava às novidades do mundo literário e historiográfico baiano e brasileiro. O jogo das trocas epistolares foi uma tentativa de penetrar no interior do grupo de intelectuais que atuavam na política, na Academia de Letras da Bahia e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em meados do século XX.

O memorialista enviou cada nova publicação a esses homens de letras e manteve com eles contínuo diálogo através de cartas. Osvaldo Sá tinha conhecimento de que tanto a ALB quanto o IGHB garantiam a seus membros distinção social e o título de

intelectual.² Todos os indícios demonstraram que esse era o maior objetivo do escritor maragojipano. Uma estratégia de garantir respaldo para seus escritos e fazer-se notar em meio a grupos e instituições que agregavam intelectuais. Era comum no meio intelectual baiano o protecionismo mútuo, embasado na ideia de pertencimento a um seletivo grupo. (SILVA, 2011.)

Aqueles que tinham notoriedade em âmbito local e nacional, a exemplo de Pedro Calmon e Jorge Amado, acabavam por validar as obras de outros intelectuais, sobretudo os do interior da Bahia, através de cartas de recomendação ou mesmo prefaciando suas obras. (SILVA, 2011) Dos intelectuais de renome aos “intelectuais de província”, era comum o pedido de legitimação de seus escritos por meio de cartas.

Segundo Ângela Castro Gomes, os intelectuais são sempre influenciados por grupos e associações com grau maior ou menor de formalidade, que se aproximam por afinidades culturais ou mesmo de escrita. (GOMES, 2004.) As correspondências trocadas entre esses indivíduos evidenciam essas relações de proximidade. Cartas que, por vezes, fazem parte da própria obra desses intelectuais, como é o caso de Osvaldo Sá. Missivas que revelam as ideias, projetos e a necessidade de uma identidade de grupo.³

Durante as pesquisas em busca de livros de outros memorialistas do Recôncavo nos arquivos públicos da Bahia, a fim de tecer comparações e encontrar peculiaridades na escrita e na própria formatação das obras, foi possível perceber a semelhança entre essas mensagens de apoio. Por vezes, apenas uma ou outra palavra é trocada nesses prefácios, no intuito de se adequar à obra em questão e seu respectivo autor.⁴

Entre os elementos que compõem a biblioteca do memorialista, está o seu acervo epistolográfico. Encontramos organizadas em classificadores as cartas que enviava a

² Segundo Paulo Santos Silva, [...] cabiam ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e à Academia de Letras da Bahia o papel de acolher em seu seio os indivíduos que se dedicavam às atividades intelectuais no estado, ou pelo menos de um grupo que se poderia considerar como representante de certa “intelectualidade oficial”. SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição*. Luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: Edufba, 2011. p.111.

³ GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro. (org) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Sobre a consciência de grupo ver também CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

⁴ Entre os intelectuais baianos, o que mais apareceu prefaciando obras deste tipo foi o historiador Pedro Calmon.

esses intelectuais, seguida da resposta que chegava as suas mãos. Nessas pastas também são encontradas datilografadas listas de endereços, tanto das instituições quanto das residências dos seus principais correspondentes, impressas em papel de fax.

A maioria das cartas enviadas pelo memorialista foi datilografada em sua velha máquina de escrever. Geralmente escrevia sobre um papel carbono e assim obtinha duas cópias de cada carta enviada. Enviava uma e resguardava a outra em seus arquivos. As correspondências familiares também fazem parte dos seus guardados. São cartões postais, bilhetes e cartões de natal acondicionados em caixas de papelão colorido. O manuseio dessas cartas possibilitou conhecer as posturas assumidas nesse tipo de documento. Fontes elaboradas no âmbito do privado que revelam uma memória escrita permeada de múltiplos interesses, tanto do remetente quanto de seus destinatários.

Com o conjunto epistolográfico encontrado deparamos-nos com o comportamento daqueles que já estavam consolidados em lugar de maior ou menor destaque no cenário literário baiano e também de fora dele, frente ao pedido de auxílio de pessoas de menor notoriedade na área que esses indivíduos atuavam e gozavam de liberdade e prestígio para divulgar suas ideias. De uma maneira geral, as cartas dizem respeito ao interesse do autor em respaldar suas obras, dirimir dúvidas e acumular mais documentos acerca da história de Maragojipe.

As obras do escritor maragojipano, especificamente no que se refere à estrutura interna e externa dos livros, não foram submetidas e elaboradas apenas pelos editores. Ao que tudo indica a composição dos livros fora pensada e cuidadosamente preparada pelo memorialista que se atinha a detalhes. As cartas que referendavam positivamente os seus atributos de escritor, eram estampadas nas orelhas, contracapas e folhas de rosto de seus livros.

Com essas correspondências Osvaldo Sá teria pretendido estreitar laços e diminuir as distâncias que o separavam do rol dos intelectuais baianos que estavam em evidência em meados do século XX. Na sua volumosa coleção de cartas encontramos principalmente membros de agremiações literárias como a Academia de Letras da Bahia. Sendo os principais missivistas presidentes ou ex-ocupantes dessa posição de destaque.

Podemos citar os nomes do escritor José Calasans que ocupou a cadeira de presidente durante os anos de 1971 e 1972, ou mesmo o jornalista Jorge Calmon que atuou nessa posição entre os anos de 1977 e 1979 e o seu sucessor, Helio Simões, de 1979-1981.

De Salvador, datada em 9 de novembro de 1981 chegou ao conhecimento do memorialista maragojipano o agradecimento pelo oferecimento do exemplar de *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe*, que teria recebido através dos Correios, do jornalista Jorge Calmon.

Jorge Calmon assinalou considerar a memorialística de Osvaldo Sá fundamental para o registro da história regional. Segundo o jornalista, as crônicas ali reunidas, demonstram a “prosa correta e fluente” do memorialista em assuntos escolhidos com rigor e sensibilidade. Características que, conforme Jorge Calmon merecem destaque e reverências:

Dou os parabéns a Maragojipe por dispor de um historiógrafo e cronista de sua qualidade. Publicará decerto, outros trabalhos para completar, quando possível, a recomposição do passado e da vida social de sua terra. É a minha cordial expectativa.

Com o abraço de,
Jorge Calmon.⁵

Outros membros da Academia aparecem no acervo epistolográfico do memorialista nesse mesmo ano, a exemplo de Antonio Loureiro de Souza. Datada em 10 de novembro de 1981, tratando o memorialista por confrade, Antonio Loureiro confia que somente naquele dia pode acusar o recebimento do livro *Histórias Menores*.

Conforme considerou o acadêmico, nas crônicas compiladas no exemplar ofertado, as figuras do poeta e do escritor se confundiam harmonizando a narrativa onde imperava o conhecimento não só de Maragojipe, como do Recôncavo. Antonio Loureiro atribui ao escritor maragojipano, — nas *Histórias Menores* em sua face de cronista de fatos considerados históricos, — o estilo bem cuidado, persuasivo. Finalizou a narrativa sinalizando que os trabalhos de pesquisa efetuados pelo maragojipano eram dignos do mérito que vinha recebendo:

⁵ Carta de Jorge Calmon a Osvaldo Sá. - Salvador, 09 de novembro de 1981. Acervo epistolográfico da Fundação Osvaldo Sá- Maragojipe- Ba.

(...) Bem merecem os que bem fazem, como você, lembrando para os contemporâneos os fastos gloriosos dessa encantadora cidade, que teve papel saliente no processo de nossa emancipação política. Parabéns, e siga escrevendo sempre. É a única coisa que sobrevive a todos nós.

Creia na admiração sincera do confrade.

Antonio Loureiro de Souza⁶

Ainda no ano de 1981, dessa vez partindo do gabinete presidencial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ) vieram de Pedro Calmon, as felicitações por mais uma publicação. No dia 30 de setembro, o historiador relatava em carta endereçada a Osvaldo Sá, a satisfação que teria sentido ao submeter-se a leitura das crônicas históricas escritas pelo memorialista de Maragojipe.

Pedro Calmon acentuou em sua missiva que a obra *Histórias Menores* apresentava aspectos marcantes da escrita do memorialista, a dizer, “o domínio da arte de escrever, conhecimento sério e gosto pela pesquisa histórica.” Nesse trecho é possível perceber que, segundo o membro do IHGB, Osvaldo Sá alinhava-se aos princípios norteadores da prática historiográfica alimentada pelo instituto e seus congêneres, a exemplo da reunião de documentos que narram a história de localidades como Maragojipe. Conforme Calmon, elementos que tornavam Osvaldo Sá muito mais que um cronista, mas, um historiador cuja principal virtude era o poder de persuasão. Na epístola, despediu-se dando parabéns ao escritor maragojipano solicitando que este continuasse a corresponder-se com ele, bem como enviasse toda nova publicação.⁷

O teor dessas cartas evidencia que as tramas e artimanhas usadas pelo polígrafo com sonhos de distinção surtiram algum efeito. De todo modo, os intelectuais a quem se remetia não o ignoravam. Pelo contrário, mostravam-se abertos a receber seus escritos. No entanto, nas cartas a que tivemos acesso não apareceram convites para que tais laços de amizade se concretizassem.

⁶ Carta de Antonio Loureiro de Souza a Osvaldo Sá. Salvador, 10 de novembro de 1981. Acervo epistolográfico da *Fundação Osvaldo Sá*- Maragojipe- Ba.

⁷ Carta de Pedro Calmon a Osvaldo Sá. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1981. Acervo epistolográfico da *Fundação Osvaldo Sá*. - Maragojipe- Ba.

Não foi encontrado nenhum registro que indicasse a apresentação formal do memorialista maragojipano a esses núcleos de intelectuais. Como já fora mencionado algumas vezes nada nos leva a crer que Osvaldo Sá conheceu alguns desses homens de letras pessoalmente. O que não teria abatido o “escritor de Maragojipe.”⁸ Continuava a sua empreitada, convertendo documentos avulsos e desconexos em estórias e história de Maragojipe, utilizando-se da sua licença poética e dos dons que alardeava possuir.

Jorge Amado, o quinto ocupante da cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, aparece como um dos que mais trocaram cartas com Osvaldo Sá e consequentemente permitindo que suas considerações fossem usadas para respaldar a publicação do memorialista.⁹

Antonio Houaiss, dono da cadeira 17 da mesma agremiação, também demonstrou interesse pelos escritos do autodidata maragojipano. Ambos os autores dizia-se público leitor do escritor de Maragojipe. Detalhe significativo, tendo em vista que um texto, uma obra, só existe se houver um leitor que lhe conceda importância e significado. Sentidos que são atribuídos dependendo diretamente das diferentes expectativas do público(s) a que se direcionam e delas se apropriam. (CHARTIER, 1994: 9-10) Osvaldo Sá se mostrou atento às normas e convenções descritas por Chartier das diferenças que marcam as diversas “comunidades de leitores”. Comunidades que possuem normas que definem os usos e as interpretações dos livros, enfim, das práticas de leitura. (CHARTIER, 1994:13-14) Daí a atenção despendida pelo memorialista até mesmo na estrutura exterior do livro. Os elementos *mise en texte e mise en livre*, fazem parte e tomam parte na construção dos sentidos atribuídos a uma obra, seja ela literária ou histórica. (CHARTIER, 2003:11)

Durante quase uma década, esses intelectuais receberam através da agência dos correios as publicações do autor maragojipano. Entre as cartas consideradas mais reveladoras da possível admiração de Antonio Houaiss pelo memorialista, consideramos relevante apresentar na íntegra a abaixo transcrita, datada em 30 de novembro de 1987.

Meu muito caro Osvaldo Sá

⁸ Expressão usada algumas vezes por Jorge Amado nas cartas trocadas com Osvaldo Sá.

⁹ Cartas de Jorge Amado a Osvaldo Sá. Salvador, entre agosto de 1980 e 25 de maio de 1983.

Há muito lhe devo agradecimentos pelas ofertas que o caro amigo tem feito de alguns dos seus excelentes livros – que tornarão Maragojipe lembrada nestes seus tempos *ad perpetuam*: se cada cidade nossa contasse com um Osvaldo Sá, já imaginou como seria fácil a nossa história futura?

Mas sem a preocupação com a eternidade, o que lhe devo de fato é o prazer que sua leitura me proporciona, vinda de quem tem garra no dizer, graça no narrar, riqueza verbal de dar e vender, e esse exemplo de grandeza humana que é a alegria de viver. Não é hábito meu precipitar-me em agradecimentos (prática com que alguns se desviam da leitura do que recebem); só faço depois de apreciar ou desapreciar: no seu caso não apenas o aprecio, senão o acompanho e o consagro sempre entre os meus amigos. Se Maragojipe ainda não o fez, que se prepare para erguer um monumento ao seu grande cronista — que você vem sendo com todo garbo e majestade.

Seu amigo muito cordial, efusiva e sinceramente

Antonio Houaiss¹⁰

À semelhança dos antigos escritores que presenteavam o rei com suas respectivas obras em busca de proteção, Osvaldo Sá enviava as suas publicações a instituições públicas e privadas ligadas ao campo das Letras e da História.¹¹

Durante as pesquisas no acervo da Biblioteca Ruy Barbosa, no interior do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, entre os seus mais de 12.000 títulos catalogados eletronicamente, somente as obras do memorialista maragojipano aludem diretamente à Maragojipe e ao seu cotidiano. A obra estava devidamente autografada e acompanhada de elogiosa dedicatória. Não satisfeito, enviou seus livros até para as embaixadas de outros países no Brasil. Encontramos breves agradecimentos vindos de representantes da Bélgica, Finlândia, Suécia e da Polônia.¹²

Em missiva que teria sido escrita aos vinte e dois dias do mês de outubro do ano de 1981, Hélio Simões, então presidente da Academia de Letras da Bahia, abrindo sua narrativa com certa intimidade, agradeceu ao memorialista maragojipano a gentileza de

¹⁰ Carta de Antonio Houaiss a Osvaldo Sá. s/d. Acervo epistolográfico. *Fundação Osvaldo Sá- Maragojipe- Ba.*

¹¹ Sobre essa prática aplicada a realidade distinta no tempo e no espaço ver Capítulo III da obra de CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação.* São Paulo: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003(Coleção Histórias de Leitura)

¹² Pode-se acessar facilmente tais apreciações na contracapa do I volume de *Vala dos Meus Dias.* (1985) As originais permanecem no acervo da Fundação Osvaldo Sá- Maragojipe-Ba.

tê-lo presenteado com as notas interessantes acerca da cultura do povo de Maragojipe. Desejando-lhe felicitações, encerrou a carta afirmando estar esperando e torcendo por mais volumes da coleção de crônicas do escritor, despedindo-se para tanto considerando sua afinidade e amizade pelo “seu velho confrade”.¹³

Dias depois, datada de 30 de outubro de 1981, chegaram as mãos do memorialista congratulações pelo lançamento de mais um de seus livros, vindos do Conselho Estadual de Cultura. Reconhecimento oriundo da amizade que mantinha com o então conselheiro Helio Simões, que apresentou a obra *Histórias Menores* à Câmara de Letras, e deliberou em ata que chegassem até o memorialista maragojipano o incentivo vindo de palavras positivas sobre o escritor e sua obra.¹⁴

Oswaldo Sá também aproveitava a oportunidade do envio dos livros para solicitar documentos que fizessem referencia a história de sua cidade natal e que cedo ou tarde comporia parte de suas obras. Nesse sentido, encontramos no acervo carta-resposta vinda de Américo Jacobina Lacombe, intelectual ligado ao IHGB, datada em 3 de dezembro de 1980.¹⁵

Na carta, Lacombe afirma não ter possibilidades de sanar as dúvidas do memorialista por estar envolvido em múltiplos trabalhos e não ter conhecimento sobre o Morgado de Maragojipe, no entanto, indica a Oswaldo Sá caminhos possíveis. Sugeriu ao memorialista que escrevesse para o diretor do Arquivo Nacional, Gabriel da Costa Pinto, que acabou por tornar-se mais um de seus missivistas e possível leitor. Seguindo o conselho do historiador, Oswaldo Sá escreve ao então diretor do Arquivo Nacional:

Maragojipe, 17 de janeiro de 1981.
Ilustre Sr. Dr. Gabriel da Costa Pinto
Diretor do Arquivo Nacional.

¹³ Carta de Hélio Simões a Oswaldo Sá. Salvador, 22 de outubro de 1981. Acervo epistolográfico. *Fundação Oswaldo Sá*. - Maragojipe- Ba.

¹⁴ A nota enviada pelo Conselho Estadual de Cultura encontra-se estampada na folha de rosto do segundo volume da Coleção *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe*. O texto original da carta encontra-se resguardado no acervo epistolográfico do memorialista, na Fundação Oswaldo Sá- Maragojipe- Ba.

¹⁵ Carta de Américo Jacobina Lacombe a Oswaldo Sá. Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1980. Acervo epistolográfico. Fundação Oswaldo Sá- Maragojipe- Ba

Prezado Senhor:

Interessado como estou em conhecer as origens do Morgado de Maragojipe, comuniquei-me com o distinto historiógrafo A. Jacobina Lacombe quanto ao assunto. Em resposta, o ilustre homem de letras, confessou-me não dispor de documentos alusivos ao caso, ao tempo em que me indicou o seu nome, como a pessoa mais indicada para dizer algo a respeito do Morgado em apreço, ou se realmente, em algum tempo ele existiu. Se positiva a resposta, muito gostaria de ter o nome do primogênito que se iniciou no vínculo. Confiante nos seus préstimos agradeço-lhe antecipadamente.

O patrício e admirador,

Oswaldo Sá¹⁶

O pedido de ajuda também era enviado para pesquisadores do Recôncavo. Nesse sentido, o historiador que mais se correspondeu com o memorialista maragojipano foi o santamarense Pedro Tomás Pedreira, vinculado à Universidade Federal da Bahia.

Pedro Tomás Pedreira, — o único que podemos afirmar ter conhecido pessoalmente Oswaldo Sá — foi um dos responsáveis pela revisão dos livros sobre a história de Maragojipe, além de conceder importantes informações sobre a cidade, sempre incorporadas às obras do memorialista maragojipano.¹⁷

As cartas trocadas com o santamarense eram sempre muito longas. Era a oportunidade encontrada pelo memorialista de atualizar-se e se livrar de dúvidas acerca da história da Bahia e conseqüentemente da história de Maragojipe. O mesmo se dava com Pedro Tomás, nas respostas a Oswaldo Sá.

Outras obras do memorialista são referendadas nas cartas, porém, como pode ser constatado, a maioria das missivas dizem respeito às *Histórias Menores*, coleção de crônicas publicadas entre os anos de 1981 e 1983. Na entrevista, em 1992, ao jornal *O Guarani*, o autor afirmou que entre os seus livros já publicados, a coleção era a que melhor demonstrava a sua dedicação a pesquisa histórica. Entre as cartas estudadas, a maioria faz referência aos seus atributos enquanto memorialista com pretensões de historiador, seguidas de elogios à poética refinada exercitada nos poemas. Do

¹⁶ Carta de Oswaldo Sá a Gabriel da Costa Pinto. Maragojipe, 17 de janeiro de 1981. Acervo epistolográfico. Fundação Oswaldo Sá. Maragojipe-Ba.

¹⁷ Pedro Tomás Pedreira é autor de *Os Quilombos do Brasil* (1973), *Notícia Histórica de São Francisco do Conde* (1976) *Pequeno Dicionário dos Municípios Baianos* (1981), *O município de Feira de Santana: Das origens à instalação* (1983). Todos os títulos são encontrados no acervo da *Fundação Oswaldo Sá*.

acadêmico Clóvis Lima, por exemplo, vieram elogios acerca dos versos do livro *Sondas e Pousos*. De Josué Montello, os aplausos pelos poemas contidos na obra *Vitrais*.¹⁸

Sabe-se das dificuldades para editar no Brasil. Essa realidade também era vivenciada na Bahia nas primeiras décadas do século XX. O exemplo de Osvaldo Sá mostra os percalços de se projetar em sua condição de intelectual com ambições de distinção, em virtude da falta de recursos financeiros e até mesmo do suposto descaso das instâncias de poder local em relação à cultura de sua população.

Osvaldo Sá possuía alguns colaboradores, porém, grande parte de seus escritos foram publicados com os poucos recursos rendidos ao autor em sua atuação em setores da burocracia pública de Maragogipe e Muritiba. O patrocínio, quando existia, esteve quase sempre ligado aos seus pedidos. Entre os principais patrocinadores estavam donos das editoras, sobretudo o amigo Osmar Azevedo, proprietário das Gráficas ODEAM Ltda e os prefeitos situacionistas.

Curiosa era a maneira que por vezes esse auxílio era solicitado. Encontramos nos papéis avulsos da *Fundação Osvaldo Sá* duas petições em que Osvaldo Sá quebra os protocolos da formalidade e faz a solicitação no formato de soneto ao então prefeito, tenente da Marinha do Brasil, Antomeu de Brito Souza. Vale a pena ilustrar com o exemplo, referindo-se à publicação de *Ponto nos iii* (versos):

Petição

Maragogipe, em três de julho, oitenta.
Senhor Prefeito, cordial abraço
auxílio certo a petição intenta
o autor obter, se o cobre lhe é escasso

pequena ajuda, embora, me contenta
— oferta ao livro em versos, que ora eu traço:
carvão que bem a gráfica alimenta
e assim tirar me possa de embaraço

Lavre Antomeu, despacho positivo,
áureo ou argênteo, de alto Executivo,
Mas que sincero seja no que dá.

¹⁸ Cartas encontradas no acervo epistolográfico da *Fundação Osvaldo Sá*. Maragogipe- Ba

Nos meus Pontos nos iii, quero o seu ponto,
O conto, os contos que depois lhe conto
A gratidão do vate. Osvaldo Sá.¹⁹

Porém, suas petições nem sempre foram atendidas. Por vezes, o memorialista num tom indignado retratou nos seus livros o indiferentismo do poder local quando se tratava da publicação de obras literárias. Essa indignação foi revelada em livros como *Maragojipe Humorístico* (1978), na crônica intitulada “Barberagem”. Osvaldo Sá afirmou ter sentido saudades de um tempo em que não pode viver, “a era dos Péricles ou Mecenas, do Papa Leão X ou do rei Luis XIV, que protegiam os intelectuais quando lhes batiam à porta.” (SÁ, 1978). Das mais de vinte obras publicadas, todas possuem uma ou outra referência intelectual em suas contracapas, demonstrando a importância que agregava a opinião desses intelectuais de renome a quem tanto buscou agradar e se aproximar.

Considerações Finais

Em síntese, o presente texto ocupou-se em demonstrar os artifícios usados por um escritor de cidade do interior para ter acesso aos grandes círculos intelectuais baianos e brasileiros. A ânsia pelo reconhecimento foi perseguida durante anos. Os métodos utilizados para tanto foram muitos. É importante ressaltar a importância do arquivo pessoal do autor na identificação dessas estratégias. Os elementos encontrados iluminaram os passos trilhados pelo memorialista maragojipano na busca por construir para si a imagem de um pesquisador arguto e de um apreciador das belas letras. Apesar das dificuldades por ele relatadas ao longo dos livros e nas páginas dos jornais, a persistência não o deixou desistir. O resultado desse não abatimento foi os seus mais de 20 livros publicados. Enfim, conhecer a produção intelectual de Osvaldo Sá é perceber a intelectualidade baiana sob outra ótica, através das concepções e do olhar de indivíduos que ajudaram a descortinar a história do Recôncavo da Bahia e suas estratégias de inserção nos meios literários e históricos vigentes em meados do século XX.

Referências

¹⁹ Acervo epistolográfico da *Fundação Osvaldo Sá*.

ABREU, Márcia. Apresentação. História dos textos, história dos livros e história das práticas culturais – ou uma outra revolução da leitura. In: CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. São Paulo: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003(Coleção Histórias de Leitura).

ACERVO epistolográfico da *Fundação Osvaldo Sá*- Maragogipe- Ba.

CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. São Paulo: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003(Coleção Histórias de Leitura);

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. De Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro. (org) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SÁ, Osvaldo. *Maragogipe Humorístico*. Salvador: Empresa Gráfica Oxum Ltda, 1978.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição. Luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: Edufba, 2011.